

28 de janeiro de 1959

## Lição X

28 de Janeiro de 1959

Esta pesquisa, este exercício que é o nosso, para lhes mostrar como, no uso que fazemos, de imediato, na nossa experiência, praticamente, da noção desejo, supomos, sem sabê-lo, um certo número de relações, de coordenadas que são aquelas que tento situar, lhes mostrando que são sempre as mesmas, que há, portanto, interesse em reconhecê-las, pois por falta de reconhecê-las o pensamento desliza sempre um pouco mais à direita, um pouco mais à esquerda, se enrosca em coordenadas mal definidas, e isto não deixa de ser sempre inconveniente para a conduta da interpretação.

Eu vou hoje continuar a análise do sonho que escolhi em Ella Sharpe, precisamente pelo seu caráter excepcionalmente bem elucidado. E, nós vamos ver as coisas sob esta dupla face: quanto ao que ela diz, e aquilo que ela diz de mais sutil, de mais fino, de mais notável nessa observação da sessão em que esse sonho é analisado e as duas sessões que seguem, aquilo que há de mais notável é que é alguma coisa que se inscreve tão bem nas categorias que são as que tento lhes ensinar o uso, que é graças a isso que podemos dar a esses elementos todo seu valor e, quanto, por falta justamente de distinguir a originalidade desses elementos, ela consegue reduzir disso, de certa forma, o alcance, consegue fazer decair de um nível a cor, o relevo, e misturá-los, reduzi-los a noções mais grosseiras, mais sumárias, que a impedem de tirar todo o partido que poderia daquilo que tem em mãos.

Mas, de imediato, para fixar, se vocês quiserem, no seu espírito, alguma coisa que é destinada a se desenhar sempre mais precisamente e um pouco melhor, penso que vocês começam a entrever aquilo que quero dizer, o duplo andar do grafo. Em suma, esse percurso que retorna sobre ele mesmo, da enunciação analítica na medida em que, eu diria, liberada pelo princípio, a regra da associação livre, ele tende a quê? A evidenciar, tanto quanto possível, aquilo que há de incluído em todo discurso, uma cadeia significativa enquanto despedaçada de tudo aquilo que cada um sabe, isto é, de elementos interpretáveis.

E esses elementos interpretáveis, enquanto despedaçados, aparecem precisamente na medida em que o sujeito tenta se reconquistar na sua originalidade, estar além daquilo que a demanda nele coagulou, aprisionou de suas necessidades. E, na medida em que o sujeito, na expressão de suas necessidades, se encontra primitivamente pego, fundido nas necessidades próprias à demanda, e que são essencialmente fundadas sobre o fato de que a forma da demanda já é alterada, alienada, pelo fato de que nós devemos pensar sob essa forma da linguagem, isso já está no registro do Outro como tal, no código do Outro que ela deve se inscrever.

É neste nível que se produz o primitivo desvio, a primitiva distância do sujeito em relação a alguma coisa que, na sua raiz, é sua necessidade, mas que não pode, na chegada, ser a mesma coisa; já que ele não vai ser reconquistado na chegada (mas conquistado além da demanda), senão numa realização de linguagem (na forma do sujeito que fala), e que esse algo que se chama aquilo-que-o-sujeito-quer, se refere àquilo que o sujeito vai se constituir como estando numa relação não mais, de certa forma, imanente, completamente incluída na sua participação vital, mas ao contrário, como manifestando sua existência, como sendo, e, portanto, em uma certa relação com o ser.

Nesse intervalo, é entre a linguagem pura e simplesmente inquisitiva [*quésitiif*] e a linguagem que se articula – onde o sujeito responde à questão daquilo que quer, onde o sujeito se

28 de janeiro de 1959

constitui em relação àquilo que ele é – é nesse intervalo que vai se produzir esse algo que vai se chamar o desejo. E esse desejo, nessa dupla inscrição do grafo, é alguma coisa...

Que haja alguma homologia entre esse desejo (na medida em que está situado em algum lugar na parte superior dessas coordenadas) e a função que tem o eu  $[m]$  enquanto esse discurso do Outro que se retoma sobre si próprio, e que o apelo ao outro para a satisfação de uma necessidade se institui em relação ao Outro, naquilo que chamei algumas vezes a palavra plena, a palavra de engajamento, numa relação tal que aqui, onde o próprio sujeito se constitui em relação ao outro, onde ele diz ao outro “tu és meu mestre”, “tu és minha mulher”, essa relação que pega o eu  $[m]$  e que o institui em relação a um objeto para retornar aqui sob forma de mensagem.

Há alguma homologia entre essa relação onde o eu  $[m]$  é tomado no discurso do Outro, e o simples fato de que alguém fale de mim  $[m]$  como o  $m$ , de si como  $s$ ; há alguma coisa articulada de modo fragmentário, que necessita uma decifragem\* de uma ordem especial no desejo. Da mesma forma que o  $m$  se constitui numa certa relação imaginária ao outro, da mesma forma o desejo se institui, se fixa em algum lugar no discurso do Outro, na metade do caminho desse discurso onde o sujeito, por toda a sua vida, tende a se realizar em alguma coisa em que seu ser se declara no meio do caminho.

O desejo é uma reflexão, um retorno nesse esforço por onde um sujeito se situa em algum lugar face àquilo que lhes designo pelo fantasma, isto é, a relação do sujeito enquanto evanescente, enquanto se evanesce numa certa relação a um objeto eletivo. O fantasma tem sempre essa estrutura, e não é simplesmente relação de objeto. O fantasma é alguma coisa que corta, uma certa evanescência, uma certa síncope significativa do sujeito em presença de um objeto. O fantasma satisfaz a uma certa acomodação, a uma certa fixação do sujeito em algo que tenha um valor eletivo. A eletividade desse valor é o que tento este ano lhes demonstrar com a ajuda de um certo número de exemplos.

Já essa oposição do sujeito com um certo objeto é alguma coisa que no fantasma está implícita, tal como ele é o prefácio, o prelúdio do sonho enunciado pelo sujeito. Eu creio, já lhes fiz sentir da última vez. O sujeito chega e começa a falar de sua tosse, mensagem sobre a mensagem, de sua tosse que é feita para, misteriosamente, avisar, antes de entrar no local onde poderiam estar dois outros, dois outros que estariam se amando, para avisá-los que está na hora de se separar. Por outro lado, nas associações, vemos que essa tosse é alguma coisa que está muito próxima de um fantasma que ele dá de imediato: é, a saber, que ele imaginou num fantasma passado, que, estando em algum lugar, e não querendo aí ser encontrado porque ele não deveria estar aí, nesse algum lugar, ele poderia latir como um cachorro e todo mundo diria: “Ah! É um cachorro!”

Ele se revela, o latido, como sendo o sinal por onde o sujeito se ausenta profundamente de onde está, esse signo como sendo outro, e a correlação da tosse com isso, que um casal de outros, na qual uma terceira associação nos mostra que o sujeito está também incluído – pois esse cão que ele foi para latir, isto é, para se fazer outro que ele é, eis aí agora numa terceira lembrança, do real, ele nos diz que esse cachorro é um cachorro que veio se masturbar na sua perna, e o que é que teria acontecido se tivessem lhe surpreendido, os dois? Em suma, nós vemos se desenhar alguma coisa que, da ordem estrutural, é essencial.

Quando os dois que estão no interior de um certo local estão aí, confrontados face um ao outro na relação propriamente imaginária que faz com que o de que se trata seja

\* *Déchiffre – Déchiffrer de la musique*, la lire à première vue. Ler uma pauta musical vista pela primeira vez.

28 de janeiro de 1959

bastante marcado pelo fato de que o cachorro se masturba contra sua perna, esse cachorro, no caso, e pelo próprio fantasma a propósito do qual ele é trazido, é também, ele mesmo, imaginário, aquele que se mostra a se masturbar, e também que ele não está ausente do casal de amantes.

Mas o que é essencial, o que não é simplesmente descrever que a identificação do sujeito, como pode-se esperar, está em todo lugar, está tanto com o sujeito que está fora e que se anuncia, e com o sujeito que está dentro e que é tomado na relação do casal no que ela comporta de fascinação comum imaginária. É que, ou os dois elementos do casal imaginário, dual, permanecem juntos na fascinação comum, aqui, do ato, entre o abraço, entre o acasalamento e a fascinação especular, ou eles permanecem juntos e o outro não deve estar aí, ou o outro se mostra e então os outros se separam e se dissolvem.

É a estrutura que é importante ser posta em relevo. É esta aí que falseia o problema, pois, afinal de contas, o que é que o sujeito nos diz? Que ele teve uma “pequena tosse” antes de entrar para sua análise quando fica claro que lhe mandam subir, é porque não havia mais ninguém, que ela está só; de resto, **“não são essas coisas, diz ele, que eu me permitiria pensar a seu respeito”**. No entanto, é o problema...

O sujeito tossindo, isto é, por um lado, fazendo esse ato, do qual ele mesmo não sabe a significação, já que coloca a questão da significação, em se fazendo por essa tosse, como o cachorro por seu latido, outro do que ele é, ele mesmo não sabe qual é essa mensagem, e portanto se anuncia por essa tosse. E se anunciando, o que é que ele imagina? O que é que ele imagina que há no interior dessa sala, para que essa tosse, que ele nos assinala como sendo, nessa ocasião, uma impulsão, uma compulsão, alguma coisa que o irrita, porque isso transbordou? (É ele mesmo que o assinala, e eu pus em relevo, a esse propósito, o quanto é marcante que Ella Sharpe haja acreditado que a esse respeito ela não devia falar, que o sujeito não estava consciente e que não se devia torná-lo consciente, sendo que é ele mesmo que traz essas questões, que diz: é uma mensagem; eu não sei qual, mas está muito claro). O que é que ele imagina que há no interior? Qual é o objeto que está aí enquanto ele está no exterior e se anuncia desse modo que o aliena, por essa mensagem que ele não entende, por essa mensagem cuja associação ao latido do cão está aí para mostrar que é para se anunciar como um outro, como algum outro que ele mesmo, que essa condição se manifesta?

E eu lhes assinalo, depois de ter feito esse aro, uma primeira volta onde nos é falado primeiro de sua tosse como mensagem, em seguida desse fantasma no qual ele agradou-se de imaginar ser um cão, nos haver assinalado na realidade a sua própria parceria com um cachorro numa sala, ter de certa forma traçado essa passagem de um modo flutuante, ambíguo, porque ele passa sucessivamente por alguma coisa que reflete seu desejo, em seguida encarna seu fantasma, ele retorna depois de ter fechado a argola em algum lugar. Pois ele vai, a partir desse momento, mudar de registro.

“Naquele momento (em que se terminou minha última lição) o sujeito ainda tosse”, nos diz a analista. Ele faz uma pequena tosse, como se pontuasse. Depois dessa pequena tosse ele enuncia o sonho que já li.

O que quero lhes dizer é que ela vai ser, a partir daí, e nesse sonho, a propósito desse sonho, nosso objetivo. Eu lhes disse o que se manifesta no sonho da relação do desejo ao fantasma, se manifesta com uma acentuação que é exatamente a oposta àquela que foi dada nesse fantasma que veio nas associações. Aí o que era acentuado, era que o sujeito, ele, late.

28 de janeiro de 1959

Ele late é uma mensagem, um anúncio. Ele se anuncia essencialmente como outro. É sobre o plano de uma relação que o disfarça, enquanto late como um cão, enquanto não entende porque procede assim, que ele se põe na postura, ou de não estar aí, ou se ele está aí, de se anunciar como outro, e de um modo tal que os outros, naquele momento, (isto é, o que tem a ver com isso) se separam, desaparecem, não mostram mais o que há para ser mostrado.

O enigma é, evidentemente, o que ele imagina. O caráter enigmático sendo bem sublinhado pelo fato de que, de fato, o que é que ele pode ter para anunciar, para desejar anunciar para que, no momento de entrar no gabinete de seu analista, ele tenha essa tosse? O que é velado é esse lado aí da relação com esse objeto x que é, na ocasião, eu não diria seu analista, mas o que está no quarto.

No sonho, o que nós vamos ver, posto perfeitamente em primeiro plano, é algo que é isto, é um elemento imaginário, vamos ver, que não é qualquer um. E, como vocês devem esperar estando num sonho, ele é marcado por uma certa função. O que eu lhes terei apreendido sobre o sonho não teria sentido se essa função não fosse uma função de significante. Nós sabemos bem que o que está desse lado da relação no fantasma do sujeito é alguma coisa que também deve ter uma função complexa, não ser somente uma imagem, mas alguma coisa significativa. Mas isso nos resta velado, enigmático. Nós não podemos articulá-lo como tal.

Tudo o que nós sabemos é que do outro lado da relação, o sujeito se anunciou, ele mesmo, como outro. Isto é, como sujeito marcado pelo significante, como sujeito barrado. No sonho, é a imagem que nós temos, e o que nós não sabemos é aquilo que está do outro lado, a saber: o que é que ele é, ele, nesse sonho? Isto é o que a senhora Ella Sharpe vai, na sua interpretação do sonho, tentar articular para ele.

Nós tomamos agora as associações a respeito do sonho, de imediato, depois que o sujeito fez esta observação que conclui o sonho, a propósito do uso do verbo “se masturbar”, que usou no sentido transitivo e faz notar que é intransitivamente que deveria tê-lo usado para utilizá-lo de uma maneira correta, que tendo dito “*ela estava tão desapontada que eu tive a idéia de masturbá-la*”, trata-se evidentemente de outra coisa. Ou seja, que se tratasse de que o sujeito se masturbe – é bem aquilo que pensa o analista e é aquilo que ela vai, de imediato, sugerir-lhe, sublinhando o que o próprio sujeito acabou de fazer notar, a saber, que o verbo deveria ter sido posto em uso no sentido intransitivo. O sujeito a esse respeito faz notar que, de fato, é excessivamente raro que ele tenha masturbado quem quer que seja. Ele só o fez uma vez com um outro menino. “**É a única vez de que eu possa me lembrar**”, e ele continua: “**O sonho está perfeitamente vivo na minha memória. Não houve orgasmo, [...] Eu vejo a frente de suas partes genitais, o final da vulva**”, e ele descreve: “**alguma coisa grande, que se projeta para frente e que pendia para baixo como uma dobra num capuz. Era perfeitamente como um capuz. Era isso que a mulher fazia uso manobrando-o (é o termo que ele havia usado no sonho), a vagina parecia apertar meu dedo em torno. O capuz parecia muito estranho, seemed strange**”.

O analista retoma: “O que é que você pensa do outro? Deixe dizer o que há no seu espírito”. O paciente retoma: “**Eu penso em um antro, uma caverna. Havia alguma coisa assim, um antro, uma caverna sobre a colina onde eu vivia quando eu era criança. Muitas vezes eu fui para lá com a minha mãe. Ela era visível da estrada ao longo da qual nós andávamos. Seu traço mais marcante era que a parte de cima, the**

28 de janeiro de 1959

*top*”, era saliente, *overhanging*, e parecia como um enorme lábio”. Alguma coisa como a gruta do Ciclope, em Capri, cuja costa é repleta de coisas parecidas. Uma caverna com uma parte se projetando para frente...

Ele faz sobre isso uma associação notável: “**Há a joke a respeito de lábios** (no sentido genital do termo) **correndo transversalmente e não longitudinalmente. Mas eu não me lembro como essa joke era arrumada, alguma comparação com a escrita chinesa e sua relação com a nossa, uma e outra partindo de diferentes lados, uma de cima para baixo, a outra transversalmente. É claro, os lábios estão *side by side*** (isto é, lado a lado), **enquanto que as paredes da vagina são uma anterior, a outra posterior, isto é, uma longitudinal e a outra transversal. Eu penso ainda, diz ele, no capuz**”.

Esses *jokes*, que são em inglês, uma espécie de parte do patrimônio cultural, são bem conhecidas, elas estão em geral sob a forma de *limericks*. O *limerick* é alguma coisa muito importante e reveladora. Eu só mencionarei. Eu procurei numa coleção bastante considerável de alguns três mil *limericks*. Esse *limerick* existe certamente, eu vi outros que se aproximam, não sei nem mesmo porque o tema da China parece justamente considerado. Havia esse tipo de inversão da linha de escritura - evocado cada vez que alguma coisa se aproxima de uma assimilação, ainda e ao mesmo tempo, de uma oposição da linha à fenda genital com a da boca, transversal, com aquilo que também supomos por trás da linha da fenda genital e da transversalidade da vagina.

Isto é, que tudo isso é muito ambíguo. O que se lhe aproxima mais e que é divertido pelo fato de que não se vê especialmente porque a China intervêm nessa associação, é este aqui, *limerick* 1381, de uma obra sobre o *limerick*:

*There was a young lady from China,  
Who mistook for her mouth her vagina,  
Her ditoris huge,  
She covered with rouge  
And lipstick ed her labia minor*<sup>1</sup>

“Havia uma jovem mulher da China  
que confundiu um dia sua boca com sua vagina  
seu enorme clitóris, cobrindo com ruge  
e pôs batom nos seus pequenos lábios”.

Traduzido, isso perde seu tempero, mas é bastante notável que seja, em todo caso, alguma coisa o mais aproximada do nosso caso em causa, cuja autora nos sublinha que a superposição de duas imagens, uma que é a imagem da boca, a outra que é uma imagem genital, é muito essencial.

O que é que vou considerar aqui? É a propósito de alguma coisa sobre a qual, de imediato, o pensamento analítico desliza para elementos imaginários, a saber, a assimilação da boca à vagina, no seio da mãe considerado como elemento de engolimento ou de devoração primeva – e nós temos todos os tipos de testemunhos diversamente etnológicos, folclóricos, psicológicos, que mostram essa relação primitiva como aquela de continente

<sup>1</sup> LEGMAN, G.: *The limerick. 1700 examples with notes, variants and index*, London, 1974, Jupiter books (nº. 1388).

28 de janeiro de 1959

com conteúdo, que a criança pode ter em relação ao que podemos chamar a imagem materna.

Será que não lhes parece que merece ser retido nesse nível alguma coisa sobre a qual eu diria que tem o mesmo acento que outrora o ponto onde lhes detive quando se tratava da grande e da pequena girafa? Não era somente o elemento entre o pequeno e o grande, entre a mãe e o falo, esses elementos, é o que o pequeno Hans fazia daquilo. Podíamos sentar em cima, amassá-los, eram símbolos. Estavam já no fantasma de coisas transformadas em papel, poderíamos dizer, de um modo mais nuançado, mais interrogativo, mais submetido à confirmação.

Mas digamos, para pontuar aquilo de que se trata, que isso é algo, que não é em vão, para introduzir aí alguma coisa concernente a esse elemento imaginário, representado, já tão notável, que está no sonho e que nos foi pintado como alguma coisa mui precisamente descrita, a redobra de um capuz. Isto é algo! É alguma coisa que já tem uma certa estrutura, que cobre, que entouca – que se teme também. E o dedo introduzido, *to dose round*<sup>2</sup>, nesse elemento, essa suadela também, é alguma coisa que nos dá alguma coisa precisa enquanto imagem, alguma coisa que não é questão de afogar numa simples estrutura geral de envolvimento, ou de devoração, ou de engolimento. Isso já está posto numa certa relação com o dedo do sujeito, precisamente. E, eu diria mesmo que toda a questão está aí. Põe ele o dedo aí ou não? É certo que ele põe o dedo aí e que ele não põe outra coisa, dentre outras, que ele não põe o seu pênis que está aí presente, que essa relação com aquilo que vem envolver, enluvar a mão, é alguma coisa que está ali prevalecente, posta adiante, impulsionado para frente no desembocar da figurabilidade, como disse Freud, para designar o terceiro elemento em ação no trabalho do sonho, *Traumarbeit*.

Trata-se de saber aquilo que nós devemos fazer com isso. Se nós devemos de imediato resolvê-los em uma série de significações redimidas, pré-formadas, a saber, tudo aquilo que vamos poder pôr, por trás disso, introduzir nós mesmos, nessa espécie de saco prestidigitador, tudo aquilo que estamos aí para encontrar, ou vamos nos deter, respeitar isso como alguma coisa que tenha aqui um valor específico.

Vocês devem bem perceber, quando digo o valor específico, por pouco que vocês tenham um pouquinho mais do que essas noções livrescas sobre o que isso pode ser, um fantasma parecido, que, afinal de contas, é questão que nós não afogemos isso na noção, por exemplo, muito geral, de interior da barriga da mãe, da qual falamos tanto nos fantasmas. Alguma coisa tão elaborada no sonho merece que aí nos detenhamos. O que nós temos aí diante de nós não é certamente o interior de um útero, é *overhanging* essa borda que se projeta. E, por sinal, pois ela é extremamente fina, Ella Sharpe sublinha mais adiante, numa passagem que nós poderemos ter que encontrar na continuação, que se estamos diante de alguma coisa de notável: “é uma projeção”, diz ela e, de imediato, depois, na passagem ela anuncia: “é o equivalente de um pênis”.

É possível, mas porque se apressar? Ainda mais que ela sublinha, também nesse momento, que é difícil fazer dessa projeção alguma coisa de ligado à presença da vagina. É bastante acentuado no sonho, e pela própria manobra à qual o sujeito se presta, eu diria, se substitui a ele mesmo aí metendo o dedo e não seu pênis. Como não ver que precisamente esse algo está localizado, se assim podemos dizer, nesse fantasma que é, de fato, como o sujeito o articula, alguma coisa que tem a mais estreita relação com a parede anterior e posterior da

<sup>2</sup> “*The vagina seemed to dose round my finger.*”

28 de janeiro de 1959

vagina! que, para dizer tudo, para um médico para quem a profissão é praticar a medicina – que não era o caso de Ella Sharpe, que era professora de letras, e isso lhe dava grandes aberturas sobre a psicologia – é um prolapso, alguma coisa que se produz na parede da vagina, onde se produz esta secção [*prosectio*] da parede anterior, mais ou menos seguida de secções [*prosections*] da parede posterior e que, num estágio ainda ulterior, faz aparecer no orifício genital, a extremidade do colo. É uma coisa extremamente freqüente que apresenta todo tipo de problema para o cirurgião.

Não é disto de que se trata. Certamente há aí alguma coisa que coloca em jogo de imediato a questão e o fantasma da mulher fálica. É tão verdadeiro que me lembro para seu uso (eu não pude verificar o trecho, é um fato bastante conhecido, penso, para que não seja novo para alguns dentre vocês) da Rainha Cristina da Suécia, a amiga de Descartes, que era uma mulher rude, como todas as mulheres dessa época – não saberíamos insistir demais sobre a influência na história das mulheres dessa maravilhosa metade do século XVII. A Rainha Cristina da Suécia, certo dia, viu, ela mesma, aparecer no orifício da vulva a ponta de um útero que, sem que saibamos os motivos, se encontrou nesse momento de sua existência, a fazer hiância num caso perfeitamente caracterizado de prolapso uterino. É então que, cedendo a um elogio enorme [*flatterie héroïque*], seu médico cai aos seus pés dizendo: “Milagre! Júpiter finalmente lhe devolveu ao seu verdadeiro sexo”. O que prova que o fantasma da mulher fálica não data de ontem na história da medicina e da filosofia...

Não é isso que está no sonho, nem que assim deva se entender – o analista o faz mais tarde na observação – que a mãe do sujeito, por exemplo, teve um prolapso. Ainda que, por que não? já que na articulação de sua compreensão daquilo que se passa, o analista considera o fato de que, mui provavelmente, o sujeito viu um monte de coisas subjacentes, que algumas de suas imaginações deixam a pensar que ele [pôde ver] e que até mesmo deve ter [visto], para que sua interpretação seja coerente, alguma coisa de análoga, isto é, uma certa apreensão, sob as saias, do órgão genital (e aquele de sua mãe). Porque não avançar nesse sentido?

Mas não é isto. Nós seremos muito mais legitimados em fazê-lo, nesse sentido que a própria analista, na medida em que, daqui a pouco, ela vai passar necessariamente por essa suposição. Para nós, ainda não chegamos aí. Eu indico, simplesmente, que tão logo se trate de referências em relação às imagens do corpo, vamos fazê-las entrar em jogo na interpretação. Não seríamos precisos, por que não se distinguiria a obsessão [*hantise*], ou o desejo, ou o temor do retorno ao ventre materno, e a relação mui especialmente com a vagina, que, apesar de tudo, não é alguma coisa, nós o vemos bem, nessa simples explicação, sobre a qual o sujeito não possa ter alguma apreensão direta ou indireta?

O que eu quero simplesmente sublinhar aqui, depois de ter marcado o acento especial dessa imagem desse sonho, é que, em todo caso, alguma coisa deve nos reter. É o fato de que o sujeito o associa, de imediato, com alguma coisa de uma outra ordem, a esse jogo poético e verbal, o qual não é simplesmente para me divertir que eu dei um exemplo, é para dar uma idéia do estilo de um extremo rigor literário; é um gênero que tem leis, as mais estritas que sejam – e *joke* ou *limerick*, pouco importa – que levam numa história definida literariamente, e levando, elas mesmas, a um jogo concernente à escrita. Pois aquilo que nós não encontramos no *limerick* que desenterramos, o sujeito, ele, afirma tê-lo entendido: era se referindo à direção diferente das linhas da escrita no nosso modo de escrever, e a chinesa, que ele evoca, naquele momento, alguma coisa que não se impõe tanto à essa associação, a saber, justamente aquilo que põe na via de uma aproximação o orifício dos grandes lábios e os lábios da boca.

28 de janeiro de 1959

Essa aproximação como tal, afetamo-la à ordem simbólica. Aquilo que pode ter de mais simbólico são as linhas de caracteres chineses, porque é alguma coisa que está aí, que nos designa, que, em todo caso, esse elemento aí no sonho é um elemento que tem um valor significativo, que nesse tipo de adaptação, de adequação, de acomodamento do desejo, na medida em que ele se faz em algum lugar em relação a um fantasma que está entre o significante do Outro [S(A)] e o significado do Outro [s(A)], pois é essa a definição do fantasma na medida em que o desejo tem de se acomodar a ele.

E o que é que eu digo aí senão expressar de um modo mais articulado o que é a nossa experiência desde que buscamos centrar aquilo que é o desejo do sujeito? É isso alguma coisa que é uma certa posição do sujeito face a um certo objeto, na medida em que ele o coloca em algum lugar, intermediário entre uma pura e simples significação, uma coisa assumida, clara, transparente para ele, e alguma coisa outra que não é nem um pouco um fantasma, que não é uma necessidade, que não é uma impulsão, um *feeling* mas que é sempre da ordem do significante enquanto significante, alguma coisa de fechado, de enigmático. Entre os dois, há aquilo que aqui aparece sob a forma de uma representação sensível extremamente precisa, imajada. E o sujeito, pelas próprias associações, nos adverte: isto é o que é significante.

O que vou fazer agora? Será que vou entrar na maneira pela qual a analista o interpreta? É preciso, portanto, que lhes faça conhecer todo o material que temos. O que diz a analista, prosseguindo nesse momento? E então, o quê? Ela volta ao fato de que o sujeito retoma, depois de haver tossido, retoma o capuz.

“- Eu penso no capuz. - Então o que, diz a analista? – “Um homem estranho, responde ele, uma vez, sobre um dos meus primeiros campos de golfe, eu me lembro. (Ele corria atrás de mim) ele me disse que poderia me dar um saco para os tacos, bem barato, e que o material seria daquele tecido que é aquele que nos servimos para capotas de carro”. Nisto ele faz uma imitação, depois de ter dito “É do seu sotaque de que me lembro, o imitar assim (falando dele mesmo), eu me lembro uma amiga cujas imitações no rádio (*Broadcast*, é a palavra importante) são extremamente astuciosas e malignas, *very clever* mas, no entanto, eu a trago de volta, um pouco, lhe contando alguma coisa assim, enquanto que se eu lhe contasse que eu tinha a mais maravilhosa T.S.F. que possamos ter, ela pega todas as estações sem a menor dificuldade. Minha amiga tem uma memória esplêndida, diz ele. Ela se lembra tão bem da sua infância, mas minha memória é bem ruim abaixo dos onze anos. Eu me lembro, no entanto, uma das primeiras músicas que nós ouvimos no teatro, e ela imitou o homem de que se trata, depois”. É uma canção do bom gênero inglês do music-hall, que podemos traduzir mais ou menos “Onde é que você pescou este chapéu aí, onde é que você pescou esta telha?” A “telha” [“*tuilè*”] designa mais especialmente aquilo que chamávamos na época um “tubo” [“*tubè*”], o chapéu de forma alta. Isso pode significar também “*bitos*” ou “chapéu” [“*galurin*”]<sup>3</sup>.

“Meu espírito, continua ele, voltou ao capuz de novo, e eu me lembro de um primeiro carro [*car*], que eu tive no início. Mas nessa época, é claro, ele não era chamado *car*, mas *motor-car*. (O sujeito é bastante idoso) [...] A capota desse *motor* tinha traços perfeitamente notáveis. Ela era apertada com correias atrás quando não estava rebatida. O interior tinha desenhos escarlates. E ele continua, o pico de

<sup>3</sup> *bitos*, “chapeau”, em gíria (*argot*); *galurin*, em linguagem popular.



28 de janeiro de 1959

**velocidade desse car, era em torno de sessenta milhas...".** Ele fala desse *car* como se fala da vida de um *car*, como se ele fosse humano. *"Eu me lembro que eu estive doente nesse car, e isso me fez lembrar do tempo em que tive de urinar num saco de papel quando era criança [...]. Eu penso ainda no capuz"*.

Nós vamos parar por aí, nas associações. Elas não vão mais muito longe, mas quero assim mesmo, pontuar o que lhes trago aqui, com o modo pelo qual a analista começa a interpretar isso. "A primeira coisa de importância, diz ela, é encontrar o fio cardinal da significação do sonho. Nós podemos fazê-lo, diz ela, mui justamente, notando o exato momento em que as coisas vêm ao espírito do paciente". E nisso ela começa a falar do cão que se masturbava contra sua perna no momento em que anteriormente ele falou do cão para dizer que ele próprio imitava esse cão, depois da tosse, depois do sonho em que acordou suando.

"A dedução, diz ela, no que diz respeito à significação geral do conjunto do sonho é, portanto, para ela, aquela de uma fantasia masturbatória". Aqui, eu estou perfeitamente de acordo, isso é de primeira importância, estamos de acordo com ela.

"A coisa seguinte a ser notada, diz ela, está em conexão com essa fantasia de masturbação, o tema da potência". Ela o entende, não no sentido da potência sexual, mas no sentido da potência, no sentido mais universal do termo, como ela vai dizê-lo mais adiante, da onipotência.

"Ele faz uma viagem ao redor do mundo; é o mais longo sonho que ele jamais haja tido" (é o que o sujeito diz), aquilo tomaria uma hora inteira para contar. Com isso nós podemos relacionar a desculpa em fazê-lo ao elogio falando das imitações de sua amiga que é do rádio. E que está no rádio para o mundo inteiro, acrescenta a analista, e seu próprio aparelho de T.S.F. que capta todos os tipos de estação. Notamos também sua própria imitação do homem cujo sotaque o divertiu tanto, um acento fortemente *ockney*, e incidentalmente aquilo que disse desse homem".

"As imitações pela voz de sua amiga e por sua própria voz têm o significado de imitações de uma pessoa mais forte". Ela se engana? "É um fio condutor a mais, no sentido da fantasia de masturbação, isto é, a fantasia na qual encarna uma outra pessoa. É uma significação de um poder de potência imenso".

Eis, portanto, o que é considerado para a analista como evidente. Isto é, que o simples fato dessas encarnações mímicas intervindo mais ou menos com - a fantasia masturbatória estando suposta no fundo daquilo que se passa - o único fato de que o sujeito tenha se desculpado por exagerar aí, de se vangloriar, de se compelir um pouco demais, significa que temos uma fantasia de potência que deve ser colocada em primeiríssimo plano.

Estaria aí alguma coisa ao que a partir da abordagem, podemos subscrever? Uma vez mais lhes peço aqui, simplesmente, notar que o mínimo que podemos dizer é que há alguma confusão, talvez em dizer que se trata de uma potência desejada, ou mais ou menos secretamente assumida pelo sujeito, sendo que, parece, esse sujeito, se nós nos limitarmos à primeira abordagem do sonho, seu conteúdo manifesto na ocasião está mais ao contrário, de reduzir, de minimizar.

E a própria analista o sublinha, numa outra ocorrência do capuz. A analista está, de fato, muito além de sua própria interpretação, sob o golpe de uma certa apreensão disso, desse lado reduzido do sujeito em toda sua presença nesse fantasma, que ela diz sempre: "Ele viu

28 de janeiro de 1959

ou percebeu aquilo quando era uma minúscula criança”. De fato, o que é que nós vemos? Nós vemos mais que o sujeito se fazendo bem pequeno em presença dessa espécie de apêndice vagamente tentacular na direção do qual, no máximo, ele ousa aproximar um dedo, o qual não sabemos se deve estar por ele encapuzado, coberto, protegido, em todo caso, afastando dele e do exercício próprio de sua potência, em todo caso sexual, esse objeto significante. Talvez seja isso ir um pouco longe demais, e é sempre a mesma confusão, confundir a onipotência imputada ao sujeito como mesmo mais ou menos denegada, com aquilo que está, ao contrário, perfeitamente claro na ocasião, a onipotência da palavra.

Mas é que há um mundo entre os dois, porque é precisamente no contato da palavra que o sujeito está em dificuldade. É um advogado, está cheio de talento, é tomado por fobias, as mais severas, cada vez que se trata para ele, de comparecer, de falar. É-nos dito, no início, que seu pai morreu aos seus três anos, que o sujeito tem todas as penas do mundo de fazê-lo reviver um pouco na sua lembrança. Mas qual é a única lembrança que lhe resta absolutamente clara? É a que se lhe transmitiu na família, que a última palavra do pai foi: “Robert tomará meu lugar”. Qual o sentido? A morte do pai, será ela temida? Será enquanto o pai está morto, ou na medida em que o pai moribundo falou, dizendo: “Ele deve tomar o meu lugar” – isto é, “aí onde eu estou [ou então] onde eu morro?”.

A dificuldade do sujeito na via da palavra, essa distância que faz com que a palavra, ele a usa justamente para estar alhures, e que, inversamente, nada é mais difícil para ele, não somente do que falar, mas do que fazer falar o seu pai – “esse passo só foi ultrapassado bem recentemente, e isso foi uma espécie de maravilha para ele, nos diz a analista, ver que seu pai falava” – não é alguma coisa que pelo menos deva nos incitar a acentuar para ele, mais do que para outro, essa divisão entre o outro enquanto falando e o outro enquanto imaginário. Por que, para dizer tudo, será que uma certa prudência não se impõe nesse nível?

A analista encontrará uma confirmação da onipotência do sujeito no caráter enorme do sonho. O caráter enorme do sonho, nós não podemos sabê-lo senão pelo sujeito. É ele que nos diz que fez um sonho enorme, que havia uma enorme história anteriormente e que houve toda uma volta ao mundo, milhares de aventuras que tomariam um tempo enorme para contar, que ele não vai perturbar a analista com elas. Mas, afinal de contas, a montanha dá à luz uma pequena história, a de um ratinho. Se há, também, aí uma noção de alguma coisa que está indicado como um horizonte de potência, é um relato... mas um relato que não é feito. A onipotência está sempre do lado do Outro, do lado do mundo da palavra como tal.

Será que nós devemos, de imediato, ver o sujeito, nessa ocasião, como sendo aquilo que supõe e aquilo que toda a continuação implicará no pensamento da analista, como sendo a estrutura do sujeito – não somente esse fantasma como onipotente, mas com a agressividade que isso comporta?

É nisso que nós devemos, a partir da abordagem, nos deter, para situar justamente o que estou tentando lhes fazer notar, a saber, aquilo que se produz às vezes, parece, de parcialidade nas interpretações, em toda a extensão onde é ignorada uma diferença de plano que, quando é suficientemente acentuada na estrutura, ela mesma, deve ser respeitada. É nessa única condição que sabemos que essa diferença de plano existe.

28 de janeiro de 1959

“Qual é a questão que se põe imediatamente após? Nos diz a analista, porque essa fantasia de extrema potência? A resposta é dada no sonho. Ele faz uma volta ao mundo. Eu colocarei isso como religado com a idéia da lembrança real que lhe vem quando ele descreve o chapuzinho no sonho, que era tão estranho, pois isso põe adiante não somente o fato de que ele descreveu uma projeção, uma dobra do capuz, mas também que o capuz estava acima, dominante como o lábio de uma caverna. Assim, nós obtemos isto, que o capuz e os lábios da vulva são comparados com uma grande caverna sobre o flanco da colina onde ele passeava com a sua mãe. A fantasia de masturbação é, portanto, uma fantasia associada com uma potência imensa, porque ele sonha estreitar, abraçar a terra mãe, de estar à altura, ao nível da enorme caverna, sob seus lábios projetados para frente. Isso é a segunda coisa de importância”.

Vocês vêem como procede nessa ocasião o pensamento da analista. Incontestavelmente vocês não podem não sentir aqui um salto. Que haja uma relação do fato da associação, isto é demonstrado entre esta lembrança de criança, quando ele mesmo sofre uma cobertura, como se diz, e aquele de que se trata, a saber, o valor significante do fantasma que chamarei fantasma de prolapso. Isto, é claro, não foi descartado. Que o sujeito seja considerado, por esse fato mesmo, como sendo o sujeito clássico, se assim posso dizer, da relação edípica, isto é, o sujeito que se levanta ao nível desse abraço da mãe, que aqui se torna o abraço mesmo da terra-mãe, do mundo inteiro, há aí alguma coisa que me parece ser um passo ultrapassado talvez um pouco rápido. Sobretudo quando nós sabemos o quanto, ao lado desse esquema clássico, grandioso, do herói edípico, na medida em que se mostra à altura da mãe, quanto na diferença desse esquema nós podemos ver isto que [Freud] tão bem destacou de uma fase da evolução da criança, a saber, o momento em que mui precisamente a integração de seu órgão como tal é ligado a um sentimento de inadequação – contrariamente àquilo que diz a analista – com aquilo de que se trataria em um empreendimento tal como a conquista ou o abraço da Mãe. De fato, esse elemento pode desempenhar um papel incontestável, manifestado de uma maneira perfeitamente momentânea em um grande número de observações que dizem respeito precisamente a essa relação narcísica do sujeito com o seu pênis, na medida em que, para ele, é considerado como mais ou menos insuficiente, pequeno demais.

Não há senão a relação com os semelhantes, os rivais masculinos que entram em jogo. A experiência clínica nos mostra, ao contrário, que a inadequação do pênis ao órgão feminino suposto enorme em relação ao órgão masculino, é alguma coisa de muito importante para que nós possamos aqui ir tão rápido.

A analista continua: “Agora chamarei sua atenção para a associação concernente aos lábios e os lábios vulvários. A mulher que foi um estimulante para esse sonho tinha lábios vermelhos, cheios, apaixonados. No sonho há uma pintura muito viva da imagem dos lábios e do capuz. Há aí a caverna, com um lábio dominante. Ele pensa em coisas longitudinais [...] e outras atravessadas – aquilo que agora nos sugere a boca comparada com a vulva”. Isso sem comentários... “Ele pensa, por outro lado, no primeiro *mat*, o primeiro carro que ele teve e em sua capota presa por correias, para trás, quando ela não está rebaixada, no desenho escarlate dessa capota. Ele pensa imediatamente na velocidade do *car*, no “pico de sua velocidade” que era de tantas *miles* por hora. Ele fala, em seguida, da “vida do *car*” e ele nota que fala do *car* como se fosse um ser vivo. Pelo fato da descrição [...] deduzirei disso que a memória da caverna verdadeira que ele visitou com sua mãe constitui uma lembrança projetada [*sauvenir écarté*]. Eu deduzirei que isso é projetado sobre o carro com seu capuz escarlate, que é a mesma lembrança de que se trata nos dois casos, nos

28 de janeiro de 1959

diz ele, e que o pico [*point*] de velocidade tem a mesma significação que a projeção das partes genitais no sonho – o pico de velocidade é, portanto, a ponta [*point*] do capuz. Eu deduzo que é uma lembrança real, reprimida, de ter visto os órgãos genitais de alguém muito mais idoso que ele, quando ele era bem pequeno; e o *air* e a caverna, e fazer a volta ao mundo ao mesmo tempo, eu os ponho em conjunção com essa potência imensa por nós requerida. A ponta, o capuz, eu os interpreto como o clitóris.

No entanto, aqui, um pouco à maneira pela qual eu dizia há pouco da montanha do sonho anunciada parindo um ratinho, há algo análogo, de detectável, naquilo que chamarei como que *as asneridádivas* [*les ânonnations*] do analista.

Eu aceito que esse “pico de velocidade” [*pointe de vitesse*] seja identificável ao capuz, mas se é verdadeiramente alguma coisa de tão pontudo, de tão enorme, como o associar a uma lembrança real, vivida, da infância? Há, portanto, algum excesso em concluir tão rapidamente que se trata aí, no sujeito, de uma lembrança-tela [*souvenir écran*] concernente a uma experiência efetiva do órgão genital feminino enquanto se trataria do clitóris. É, de fato, bem aquilo em que, portanto, se resolve a analista, fazendo desse momento aí como que um elemento chave, pelo fato de que “sua irmã com oito anos a mais que ele, e as referências que ele fez à voz de mulher e à voz de homem imitada, que são semelhantes pela imitação. Dessa referência a ela, e em conexão com uma encarnação macho, deduzo que, pelo menos quando ele era pequenininho, ele vira os órgãos de sua irmã, percebera o clitóris, e a ouvira urinar [...] ouvido no tapete”. É preciso para ele, por outro lado, de imediato, após evocar mais adiante, “considerando o conjunto do trabalho da análise feito precedentemente, que em adição, havia alguma situação infantil na qual ele teve alguma ocasião de ver as partes genitais de sua mãe”. Todos os detalhes supõem, nessas lembranças, nessas imagens, que ele teria, naquele momento, deitado no tapete, que ele teria visto isso ou aquilo.

Eu vou, assim mesmo, lhes pontuar aqui alguma coisa que lhes indica pelo menos aonde quero chegar nessas críticas em que lhes ensino a olhar, a soletrar, se assim podemos dizer, em que sentido vão um certo número de inflexões na compreensão daquilo que nos é apresentado, que não é destinado, creio, a aumentar a evidência, tampouco, sobretudo, vocês o verão, quando aí chegaremos, em lhe dar sua justa interpretação.

É preciso, no entanto, que brilhe um pouco minha lanterna, que lhes diga aonde quero chegar, aquilo que pretendo dizer – no oposto desse corredor no qual se engaja o pensamento da analista. E vocês verão que essas interpretações serão em relação a isso, extremamente ativas, até mesmo brutais, sugerindo que o fundo da questão é o caráter agressivo do seu próprio pênis. Vocês verão que seu pênis enquanto órgão agressivo, enquanto órgão fazendo entrar em jogo o caráter nocivo e deletério da água que emite, a saber, da micção que vocês viram evocada na ocasião, e sobre a qual teremos de voltar, que a analista obtêm um efeito que não causa tanta surpresa, que o sujeito adulto e bastante idoso se encontra a fazer uma micção na noite que segue. Mas deixemos isso de lado.

O que eu quero dizer é isto: eu creio que esse sonho, para antecipar um pouco sobre o que creio poder lhes demonstrar, continuando este trabalho cansativo e lento de análise, linha por linha, daquilo que nos é apresentado... Onde se coloca a questão, naquilo que podemos chamar o fantasma fundamental do sujeito, na medida em que é presentificado? O sujeito imagina alguma coisa, não sabemos o quê, concernente à sua analista – eu lhes direi o que a própria analista pensa do ponto em que estamos da transferência. Essa transferência é naquele momento uma transferência do tipo nitidamente imaginária. A analista é focalizada,

28 de janeiro de 1959

centrada, como alguma coisa que está essencialmente, em relação ao sujeito, numa relação de um outro eu [*moi*]. Toda a atitude rígida, medida, de defesa (como a analista sente muito bem) em presença de Ella Sharpe, é alguma coisa que indica uma relação especular das mais estreitas com a analista. E contrariamente àquilo que diz Ella Sharpe, está muito longe de ser a indicação que não há transferência. É um certo tipo de transferência na fonte, dual, imaginária.

Essa analista, enquanto imagem dele, está fazendo o quê? Já isso se impõe, fica claro que esse contra o que o sujeito a previne com sua “pequena tosse”, é que ela sonha se masturbar. É isso que ela é suposta estar fazendo. Mas como é que nós o sabemos? Nós não o sabemos de imediato, e isto é muito importante. Como podemos saber? É na medida em que, no sonho, a coisa então está totalmente clara, já que é justamente aquilo que o sujeito está dizendo, a saber, que há alguém que se masturba.

A analista reconhece com muita certeza que se trata de uma masturbação do sujeito, que é ele que sonha. Mas que o sonho é a intenção manifesta no sujeito de masturbá-la – acrescentando que isso é um verbo intransitivo – nos põe suficientemente na via disso: que o fantasma significativo do qual se trata é aquilo de uma estreita ligação de um elemento macho e fêmea tomado sobre o tema de um tipo de envolvimento. Eu quero dizer que o sujeito não é simplesmente presa, contido no outro, na medida em que ele a masturba, ele se masturba, mas também não se masturbaria.

Eu quero dizer que a imagem fundamental de que se trata, que está aí presentificada pelo sonho, é um tipo de bainha, de luva. São, por sinal, em suma, as mesmas palavras, bainha é a mesma palavra que vagina<sup>4</sup>.

Eis dois encontros lingüísticos que não são sem significação. Sobre a bainha [*la gainé*], a luva [*le gainé*], a capa [*le fourreau*], haverá muito a dizer do ponto de vista lingüístico, pois creio que há aí toda uma cadeia de imagens que é extremamente importante localizar porque elas são muito mais constantes, vocês vão vê-lo, e presentes, não somente no caso particular, mas em muitos outros casos.

Aquilo de que se trata é que o personagem imaginário, significativo, é alguma coisa onde o sujeito vê, de certa forma, envolvida, tomada, todo tipo de possibilidade de sua manifestação sexual. É em relação a essa imagem central que ele situa seu desejo e que seu desejo está de certa forma engodado.

Eu vou tentar mostrá-lo para vocês, porque é preciso que eu faça um pouco mais para justificar essa noção: na seqüência das associações, vai aparecer uma idéia que atravessou o espírito do sujeito, nos diz a analista, desde as associações precedentes. O sujeito, por suas funções, deve ir em um lugar onde o rei e a rainha devem ir. Ele está assombrado pela idéia de haver uma pane no carro no meio da estrada e de bloquear a passagem do automóvel real. A analista aí vê, uma vez mais, manifestações da onipotência temida do sujeito, para ele mesmo, e vai até ver aí – veremos tudo isso em detalhe da próxima vez – o fato de que o sujeito teve a oportunidade, no momento de alguma cena primitiva, de intervir dessa forma, retendo alguma coisa, os pais, no momento dessa cena primitiva.

O que é marcante, nos parece, por outro lado, é a função justamente do carro sobre a qual voltaremos. O sujeito está num carro, e, muito longe do que no momento dessa parada ele

---

<sup>4</sup> *Vagina*, latim: Bainha, casulo, capa [Francês: *gaine* ou *fourreau de l'épée*]

28 de janeiro de 1959

separa quem quer que seja, ele pára sem nenhuma dúvida os outros (que ele pára tudo, nós o sabemos bem, já que se trata disso, ele está em análise por isso), tudo pára, ele pára o casal real, parental, no caso, num carro, e num só carro que os envolve como a capota de seu carro, aquela que ele evoca por suas associações, reproduzindo o caráter de cobertura da caverna.

Nós estamos na época em que Mélanie Klein começa a mostrar na Sociedade Inglesa, e a trazer as coisas articuladas que são de elevada qualidade clínica. E será que vale a pena ter falado tanto do parente ambíguo, do monstro biparental, para não saber aqui reconhecer de um modo particularmente especificado, um certo caráter ambíguo, ligado a um certo modo da apreensão da relação sexual?

Digamos, para acentuar ainda nosso pensamento, que o que está em questão no sujeito é justamente isso, precisamente separá-los, os pais, separar neles os princípios macho e fêmea. E eu direi, de um certo modo, aquilo que se propõe como visada no horizonte da interpretação analítica não é nada mais que uma espécie de operação de circuncisão psíquica. Pois, afinal de contas, essa vagina protu, protusa, que está aí e que vem aqui se apresentar sob a forma de alguma coisa que, por outro lado, não está em nenhum lugar, que se desvencilha – eu falei há pouco de saco de prestidigitador, mas na verdade nós a conhecemos, essa operação do prestidigitador, ela se chama o saco do ovo que viramos e que reviramos e onde encontramos alternativamente e não encontramos aquilo que aí colocamos, que ali desliza por alguma habilidade. Esse tipo de presença e não-presença perpétua do sujeito, é também alguma coisa que tem uma outra face: é aquilo que há na masturbação, que já aí implica um certo elemento fêmea presente. É por isso que eu falo de uma certa circuncisão. Esse tipo de elemento protuso é também o prepúcio que ele sonha, sob alguns aspectos. E aquilo de que se trata no sujeito – e que uma outra parte de suas lembranças vai nos fazer aparecer é incontestável, há uma certa relação entre ele e a conjunção sexual. Houve uma na sua infância. Mas onde estava ele? Ele estava em sua cama e vocês o verão muito apertado, embrulhado com alfinetes colocados em seus panos. Temos outros elementos que nos mostram, também, o sujeito no seu carro de criança com correias, com tiras.

A questão para o sujeito, tal qual nos é apresentada aqui é esta: em toda a extensão onde ele está amarrado, onde ele próprio está parado, ele pode gozar de seu fantasma precisamente e aí participar por essa atividade de suplemento, essa atividade derivada, deslocada, que é a micção compulsiva. Em toda a extensão onde ele estava amarrado, naquele momento, esse tipo de suplemento, de falso gozo, que lhe dá essa micção que constatamos justamente nos sujeitos, tão freqüentemente em relação com a proximidade do coito parental, naquele momento ele se torna o quê? Justamente esse parceiro, o qual, ele nos diz, ela tanto precisa, que é ele que deve lhe mostrar tudo e que é preciso que ele faça tudo, que ele se feminilize. Na medida em que ele é impotente, se assim podemos dizer, ele é macho. E que isso tenha suas compensações sobre o plano da potência ambiciosa, é claro! Nós aí voltaremos da próxima vez, mas na medida em que ele é liberado, ele se feminiliza.

É nesse tipo de jogo de esconde-esconde, de duplo jogo, de não separação das duas faces, nele, da feminilidade e da masculinidade, nesse tipo de apreensão fantasmática única, fundamentalmente masturbatória, que resta para ele a apreensão do desejo genital, que jaz o problema. E eu espero mostrar, da próxima vez, o quanto somos justificados para orientar nossas interpretações nesse sentido para permitir ao sujeito o passo adiante.